

O Projeto Telenfermagem
apresenta...

Volume 2, Número
2

Dezembro 2017

Momento Telessaúde

A VIOLÊNCIA, SEJA
ELA COMO FOR, SERÁ
SEMPRE UMA DERROTA

VIVER UMA VIDA
SEM VIOLÊNCIA
É UM DIREITO

A EDUCAÇÃO É
VACINA CONTRA A
VIOLÊNCIA



Professora da Faculdade de Medicina da UFMG, Elza Melo relata vivência na luta contra a violência através do Projeto “Para Elas, por elas, por eles, por nós”.



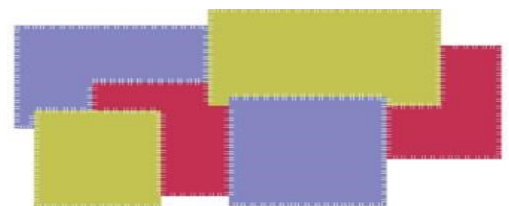
Professora Solange Godoy, aluna da Escola de Enfermagem UFMG, Karine Silva e Professora Elza Melo

“A violência é um agravo que compromete a vida e a saúde física e mental do sujeito. É uma violação de direitos, e sobretudo um grande distúrbio na vida das pessoas, mas que pode ser reversível e feito por nós”, relatou a professora do Departamento de Medicina Preventiva Social da Faculdade de Medicina da UFMG, Elza Machado de Melo.

Segundo a professora, a violência contra a mulher é um problema global de saúde pública, e suas heranças se encontram muito enraizadas na sociedade. “Esse tipo de conduta gera grandes consequências para a saúde e bem-estar das mulheres, com importante repercussão econômica e social, sendo necessário para sua resolução a união das esferas públicas, tanto nacional, regional e local, como também a participação das

organizações internacionais”.

Elza enfatizou que a violência contra a mulher é algo atrasado e conservador. Uma desigualdade entre homens e mulheres passada através dos séculos. “Mesmo quando achamos que nós, que somos mulheres trabalhadoras e independentes e por essa condição não nos enquadraramos nesse contexto de desigualdade, ainda assim, em muitas situações, sofremos uma diferença, pelo simples fato de sermos mulheres.



Para Elas
por elas, por eles, por nós

Logo do projeto

Então isso é algo inadmissível". Por causa dessa grande diferença a professora ainda comentou que os tipos de abusos podem ocorrer em qualquer espaço e serem perpetuados por diferentes pessoas, sendo a grande maioria dos casos causada pelo parceiro e/ou por familiares, dando lugar à violência por parceiro íntimo e/ou violência doméstica.

Os dados do Sistema Nacional de Agravos de Notificação mostram que para a faixa etária até 14 anos os pais são os agressores mais frequentes; entre 20 e 59 anos, é o parceiro (marido, companheiro, namorado e ex-marido); acima de 60, são os filhos. Nota-se então que a violência atinge mulheres de todas as idades e classes sociais e muitas vezes os casos de agressão acontecem no próprio lar, sendo os mais graves executados por pessoas que a própria vítima tem vínculos afetivos.

Para reverter essa situação, a professora criou o Projeto *"Para Elas - Por Elas, Por Eles, Por Nós"*, na Faculdade de Medicina da UFMG, financiado pelo Ministério da Saúde. Ela explicou que o Projeto se insere na temática da Atenção Integral da Saúde da Mulher em situação de violência e tem como objetivo a capacitação de profissionais, a organização da rede de atenção e a produção de conhecimento e de material científico, bem como estratégias importantes para prover o cuidado à mulher da cidade, do campo e da floresta. Parte do Projeto é desenvolvi-

do no Ambulatório Jenny Faria do Hospital das Clínicas da UFMG, onde são realizados cuidados individuais por diversos profissionais da área da saúde entre eles a terapia alternativa com Reiki, a homeopatia, além de um núcleo que trabalha para alertar as mulheres sobre os seus direitos civis. "

O Projeto integra cuidados e oferece à essas mulheres oportunidades que façam suas próprias escolhas a respeito do seu cuidado. É nesse momento que a mulher se empodera e conhece, junto com os profissionais e com outras mulheres participantes, modos de enfrentamento contra todo tipo de violência. Mas não basta ficar aqui, o cuidado tem que ser integral, multiprofissional e também longitudinal, ele tem que acompanhar essas mulheres. Por isso, as oficinas contra a violência foram criadas nas comunidades onde vivem essas mulheres", afirmou.

Elza ressaltou, ainda, que o projeto se apresenta como uma rede de articulação que tem o papel de integrar os diferentes participantes e oferecer uma oportunidade para o encontro de profissionais, saberes e práticas, constituindo um espaço de agregação e produção de conhecimento. "Esta rede propicia o encontro de mulheres e profissionais para cuidar juntas, em uma perspectiva de igualdade e emancipação. É uma ação que fazem a todos muito felizes".

Traumas maxilofaciais em vítimas de violência doméstica

"A violência está presente no cotidiano de cada brasileiro produzindo muitas vítimas com sequelas físicas e emocionais", destacou o professor Carlos José de Paula Silva, do Departamento de Odontologia Sócio Preventiva da Faculdade de Odontologia da UFMG. Ele apontou que o trauma maxilofacial é resultante da violência interpessoal, sendo observado em um estudo realizado com as vítimas atendidas em um hospital público.

Segundo o professor, pode-se destacar que no contexto da violência urbana, a cabeça e a face são regiões apontadas como predominantes nos casos de lesão traumática, estando associados ou não a lesões em outras regiões do corpo. Ele afirma que as agressões contra a face buscam a desqualificação da identidade da vítima e também, representa um fator de intimidação.

"Esse tipo de traumatismo é mais frequente entre as mulheres e a grande parte é decorrente da violência interpessoal. Muitos dos casos registrados resultaram de violência doméstica, causas passionais ou por agressores que apresentavam

algum vínculo com as vítimas", enfatizou.

Nos traumas maxilofacial, de acordo com Carlos, a grande maioria dos casos ocorrem na residência das vítimas e apresenta como agentes os pais, conhecidos, cônjuges e parceiros. "Este fato pode perfeitamente permitir a reincidência das agressões em decorrência da proximidade entre vítima e agressor. Essa forma de traumatismo apresenta como sinais clínicos mais comuns, cortes, hematomas ou edemas, que podem, eventualmente, passar despercebidos por pessoas próximas ao convívio das vítimas".

O professor considera também a possibilidade de que os sinais de violência sejam ocultados pela própria vítima sob a alegação de que foram decorrentes de quedas ou outros acidentes domésticos. Sendo assim, quando os vestígios da agressão são minimizados, permitem que os atos violentos permaneçam ocultos, o que possibilita a manutenção das agressões.

Ele afirmou, ainda, que a escolha da face como local de agressão se dá pela possibilidade de coação e de afetar a identidade da vítima, além de lesionar uma



Professor Carlos de Paula

área do corpo humano muito valorizado pela sociedade como fonte de beleza, principalmente, para as mulheres. "O traumatismo maxilofacial conduz a uma análise mais específica de algumas formas de violência, pois a face é o lócus da singularidade e da identidade da pessoa humana. Assim, estratégias de prevenção da violência urbana devem passar pelo reconhecimento da complexidade do tema, pela melhoria na qualidade das informações e pela elaboração de políticas públicas específicas e direcionadas aos grupos vulneráveis", concluiu o professor Carlos.

RODA DE CONVERSA TELENFERMAGEM: Violência, você já sofreu alguma?

No dia 23 de outubro de 2017, foi realizada pelo Projeto Telenfermagem da Escola de Enfermagem da UFMG uma roda de conversa para debater assuntos a respeito da violência e seus agravos. A discussão contou com a presença das discentes do curso de Enfermagem Wendy Loyola, Paula Silvani, Aline Batista, Patrícia Félix, Keyla Ramos, juntamente com a mestranda /FM/UFMG Mônica Pontes, o bacharel em medicina Edison Ela, a nutricionista e Pós-doutoranda PPGE/UFMG Ísis Eloah e as professoras Deborah Malta e Solange Godoy/EEUFMG.

A roda de conversa foi uma oportunidade significativa para problematizar alguns temas do cotidiano do trabalho do profissional da saúde que, muitas vezes, se depara com o usuário em situação de violência urbana, violência de gênero, relações de gênero, preconceito, entre outros. Colocar essa discussão em um debate fez com que o diálogo fosse um instrumento de intervenção, na medida em que permitisse aos participantes perceberem o movimento da realidade social e suas contradições.

A professora Deborah Malta afirmou que a definição de violência, segundo a Organização Mundial da Saúde, é o uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico,



Roda de conversa com o tema Violência

deficiência de desenvolvimento ou privação. Logo, após a exposição, os participantes receberam depoimentos anônimos sobre situações de violência vivenciada, coletados pelos integrantes do Projeto Telenfermagem. Entre os depoimentos apresentados, destacou-se a violência entre os muros da escola, onde muitos alunos relatam sofrer abusos psicológicos e até verbais de professores. Outro depoimento apresentado retratou a violência principalmente causada por homens que tentam manipular as mulheres na sua forma de agir, pensar ou vestir. Como foi o caso citado de uma menina que sempre era ridicularizada pelo irmão e o pai em relação ao que usava diariamente, desencadeando constrangimento e a obrigando sempre a trocar de roupa. A vítima relata que sofreu uma violência psicológica e moral durante muitos anos seguidos.

O relato sobre violência doméstica serviu como base para as discussões, sendo apontado o perfil das mulheres que se encontravam nesta situação, no qual foram mencionados os casos em situação de vulnerabilidade social, tais como, as presidiárias; em situação de rua e usuárias de drogas ilícitas. A professora Deborah acrescentou que "a violência assumiu uma grande importância para a sociedade brasileira nas últimas décadas e tornou-se um problema premente de saúde pública, em razão da sua magnitude, gravidade, impacto social e capacidade de vulnerabilizar a saúde individual e coletiva".

Além disso, ela explicou que o fenômeno tem influência de muitas causas e ainda apresenta uma grade de relação das desigualdades econômicas e socioculturais vivenciadas pela sociedade brasileira, além de se relacionar com aspectos subjetivos e comportamentais vigentes em cada sociedade

A professora ressaltou que há quatro tipos de violência contra crianças e adolescentes: física, sexual, emocional ou psicológico e negligência, os quais podem resultar em danos físicos, psicológicos, além de danos ao seu crescimento, desenvolvimento e maturação.



Professora Deborah Malta

O tema cativou a plateia e os participantes conseguiram identificar os preconceitos culturais enraizados que produzem e reproduzem a manutenção da violência na sociedade, além de indicar o estereótipo que a sociedade capitalista é capaz de promover e reprimir psicologicamente. "A violência está no nosso dia a dia, por isso é nosso dever saber classificá-la e agir, se for necessário. Essa tarefa deve ser diária", ressaltou um dos participantes.

"A violência vem sendo considerada uma das principais causas de morbimortalidade em todo o mundo", ressaltou Deborah. Na roda de conversa foi possível identificar que as mulheres representam a maior proporção entre as vítimas de violência. Nestas situações, as mulheres são submetidas à agressões e maus-tratos e o provável autor da agressão é na maior parte das vezes, familiar ou um desconhecido.

A professora enfatizou, ainda, que os negros (pretos e pardos) predominaram em todos os tipos de eventos violentos. "Embora um grupo social não se defina por relações de raça ou cor, diferenças étnicas associam-se a desigualdades sociais e condicionam a forma de viver e de morrer desse grupo de pessoas", disse.

Os participantes da roda de conversa concluíram que os espaços públicos (ruas, bares e outros locais) são os principais cenários para a ocorrência de eventos violentos, especialmente quando envolvem agressores e vítimas do sexo feminino. Pode compreender que a abordagem da violência na Saúde Pública ainda encontra-se nas etapas iniciais. O estudo do tema torna-se relevante uma vez que permite conhecer o perfil da violência para direcionar o planejamento de políticas públicas voltadas à prevenção de agravos e promoção da saúde.

Segunda opinião formativa

Área: Saúde da Mulher

Tema: Violência contra a mulher

Qual a repercussão da violência na saúde das mulheres e quais estratégias podem ser utilizadas para o enfrentamento nesses casos?

A violência contra a mulher trata-se de um problema de saúde pública e de direitos humanos, que compõe a lista de prioridades da Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1996. O Brasil é o quinto país do mundo com o maior índice de homicídios contra as mulheres (Mapa da violência, 2015). A estimativa é de que 2,1 milhões de mulheres são espancadas por ano, 175 mil por mês, 5,8 mil por dia, 243 por hora, 4 por minuto e 1 a cada 15 segundos (Pesquisa Perseu Abramo, 2013). No país, o problema relaciona-se ainda à mulheres com os mais diversos perfis de faixa etária, cor, etnia, religião, nacionalidade, opção sexual ou condição socioeconômica (SOUSA; NOGUEIRA; GRADIM, 2013).

A violência possui relação direta com as históricas desigualdades de gênero, associadas sobretudo às aprendizagens dos papéis masculinos as quais são utilizadas como justificativas para tais ações. Elas afetam as mulheres e meninas em diversas esferas de suas vidas: bem estar, segurança, autoestima, desenvolvimento pessoal e profissional, maternidade, reprodução, saúde física, utilização dos serviços de saúde, saúde mental, habilidades, relações sociais, comunicação, família, etc. Nesse sentido, é importante destacar que tal problemática ganhou notoriedade ao ser abordada e denunciada pelos movimentos feministas. Marco importante para discussão desta questão no Brasil e no mundo foi a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, conhecida como Convenção de Belém do Pará, promovida pela Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos - OEA em 1994. A Convenção de Belém do Pará resultou no Decreto nº 1.973, de 01/08/1996, que definiu o conceito de violência contra a mulher, firmou os direitos protegidos e estabeleceu diretrizes de busca por uma vida sem violência contra as mulheres. Seu Artigo 1º conceitua violência contra a mulher como "qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada"

(BRASIL, 1994, Artigo 1º). Outro marco para o combate à violência contra a mulher no Brasil foi a conquista da Lei 11.340, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, com objetivo de coibir e evitar a prática de violência doméstica e familiar contra as mulheres e de estabelecer medidas assistenciais de proteção para as mesmas.

Em 2004 no Brasil foi elaborada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher / PAISM, que incorporou em suas ações prioritárias a promoção da atenção a mulheres e adolescentes em situação de violência, reconhecendo a violência contra a mulher como um problema de saúde pública (Ministério da Saúde, 2007). A política indica que os profissionais de saúde estejam capacitados para reconhecer a complexidade dos casos de violência, visando cuidar da saúde da mulher de forma humanizada em sua integralidade. Nesse sentido, além de identificar as situações de violência, é importante que o(a) profissional não culpabilizar essas mulheres e as ajude a refletir a ordenar as ideias e tomar decisões. É importante validar seu relato e realizar a notificação compulsória de modo a contribuir para a construção de dados epidemiológicos e de estratégias mais eficazes para o enfrentamento das situações em todos os níveis. Por fim, esclareça e respeite o direito à confidencialidade, encaminhe-a para um atendimento multidisciplinar sem gerar falsas esperanças ou supervalorizar os riscos.

Viver uma vida sem violência é um direito de todas as pessoas, de todas as mulheres!

Teleconsultor Conteudista

Prof.a.Dra. Erica Dumont do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública, Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais

Referências:

Mapa da violência, 2015. Disponível em: SOUSA; NOGUEIRA; GRADIM, 2013. Pesquisa Perseu Abramo, 2013.

Telefones úteis

Depam (Delegacia de Plantão de Atendimento à Mulher) Endereço: Avenida Augusto de Lima, 1942, Barro Preto. BH/MG	Tel. (31) 3295-6913
NUDEM (Defensoria Pública de Defesa da Mulher) Avenida Amazonas, 558 - 2º andar - Centro. BH/MG	Tel. (31) 3270-3202
18ª Promotoria especializada no combate à violência doméstica e familiar contra a mulher: Endereço: Av. Álvares Cabral, 1881 - Santo Agostinho BH/ MG	Tel. (31) 3337-6996
Núcleo de Atendimento às Vítimas de Crimes Violentos -NAVCV Endereço: Belo Horizonte: Rua da Bahia, 1.148 - 3º andar sala 331 - Edifí- cio Arcângelo Maletta - Centro BH/MG	Tel. (31) 3214-1897

Te indico ...

Filme

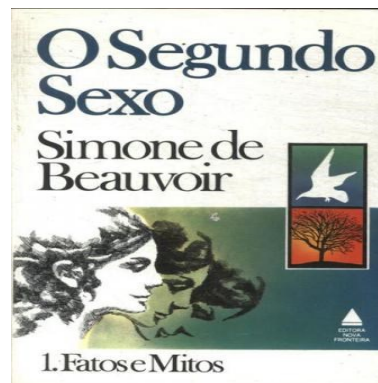
Preciosa - Uma história de esperança



"1987, Nova York, bairro do Harlem. Claireece "Preciosa" Jones (Gabourey Sidibe) é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai e abusada pela mãe, ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. Quando engravidada pela segunda vez, Preciosa é suspensa da escola. A sra. Lichtenstein consegue para ela uma escola alternativa, que possa ajudá-la a melhor lidar com sua vida. Lá Preciosa encontra um meio de fugir de sua existência traumática, se refugiando em sua imaginação."

Livro

O segundo sexo



"Este é o livro que pautou a agenda do movimento feminista em nosso tempo. Um relato enciclopédico e, às vezes, chocante, da condição da mulher num mundo moldado e dominado pelo homem. Não por acaso, esta obra foi incluída na lista negra do Vaticano. Beauvoir é especialmente bem-sucedida na descrição da cumplicidade feminina com sua própria opressão."